

Palpiteiros, profetas...

ADHEMAR S. MINEIRO

Os que viveram o final dos anos 70 e o início dos anos 80 hão de lembrar. Pressionados pelas críticas à situação econômica, em particular aos riscos envolvidos no excessivo e inadmissível endividamento externo, e em seguida aos draconianos acordos com as instituições financeiras internacionais, os governos militares apelavam para rótulos tais como "cassandras" (referência à princesa de Tróia que, no texto de Homero, previa a derrota final dos troianos na guerra com os gregos, o que afinal aconteceu) para tentar marcar publicamente seus críticos mais frequentes. Interessante que alguns dos rotulados de "cassandras" ocupam hoje os mais altos postos da República.

Na fase do Governo Sarney, especialmente durante o Plano Cruzado, e depois durante o Governo Collor, à época do Plano Collor I (o tiro certo que derrotaria o tigre da inflação...), o mesmo padrão de adjetivos foi usado, agregando-se à lista os chamados "profetas do caos". De novo para tentar rotular os analistas que insistiam em uma avaliação menos favorável às posições dos governos em cada época.

Agora apareceu um novo rótulo: palpiteiro. O efeito de mídia é o mesmo: desqualificar os analistas que apresentem posições pessimistas. Especialmente na mídia internacional, já que boa parte da política macroeconômica do atual Governo depende de volumosa captação de recursos nos mercados financeiros internacionais, e estes estão cada vez mais nervosos, e avessos aos riscos para suas aplicações.

O próprio presidente da República, em discussão recente em Davos, na Suíça, reforçava a

idéia de que é preciso que se criem mecanismos de regulação financeira internacional que possam pôr alguma ordem nas turbulências dos mercados. Essa avaliação implica assumir que os mercados financeiros mundiais não são por si só auto-reguláveis, e que a fluidez dos capitais em um sistema desregulamentado pode causar estragos profundos nos países expostos ao fluxo livre desses capitais. Entretanto, o atual Governo não tira dessa avaliação a consequência lógica em matéria de política econômica: criar mecanismos de defesa frente aos fluxos livres de capitais, e reduzir a dependência da política macroeconômica frente à necessidade de captação de recursos nos mercados internacionais.

Um dos argumentos utilizados para qualificar os analistas internacionais é o de não viverem nos países que analisam. Com a disponibilidade de informação hoje existente é um argumento bastante frágil.

Mas aqui é importante agregar que os economistas brasileiros também têm análises bastante críticas à política econômica e uma visão bastante clara dos riscos que ela representa. A Carta de Salvador, aprovada em 1995, ainda em um momento de euforia do Plano Real, alertava para muitos dos riscos, hoje evidentes para os analis-

tas nacionais e internacionais.

Aos órgãos de regulamentação e defesa da profissão cabe defender o direito de qualquer analista expressar suas avaliações frente às políticas macroeconômicas, dentro dos padrões da ética profissional. Para os profissionais que fazem avaliações, vale a sua reputação e a sua credibilidade... e nisso, o mercado é implacável.

ADHEMAR S. MINEIRO é presidente do Conselho Regional de Economia — 1ª Região (RJ).

... "cassandras"
ocupam hoje
os mais altos
postos da
República.
